



Violência sexual e namoro: experiência de vitimização e impactos nos relacionamentos de adolescentes

Felipe Barbosa de Sousa Costa^{1*} e Cássio Eduardo Soares Miranda²

¹Empresa Maranhense de Serviços Hospitalares, Hospital Macrorregional Dr. Everaldo Ferreira Aragão, BR-316, sentido Caxias-Teresina, 65606-815, Caxias, Maranhão, Brasil. ²Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí. *Autor para correspondência. E-mail: felipe_barbosama@hotmail.com

RESUMO. Este estudo objetiva analisar as experiências de vitimização por abuso sexual, em namoros, e seus impactos em adolescentes escolares. Trata-se de um estudo qualitativo com 5 escolares do ensino médio que sofreram violência sexual nas relações amorosas. Os dados foram interpretados com base na análise de conteúdo de Bardin. As unidades foram agrupadas em eixos temáticos: experiência de vitimização, percepções sobre violência, impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida. Os dados mostram desde experiências sutis de violência até tentativas de manutenção de relação sexual forçada nas relações de namoro, frequentemente precedidas de experiências anteriores em outras esferas relacionais e sobreposição de violências. Os impactos produzidos diferem conforme as características da violência sofrida, porém sentimentos de medo, culpa, vergonha e isolamento social foram comuns, bem como comportamentos suicidas. As principais formas de enfrentamento incluíram partilha das experiências com as mães, mudanças de atitude frente aos relacionamentos, e apenas uma adolescente recorreu a órgãos de proteção, sofrendo processo de revitimização. O estudo permitiu conhecer como se dão as experiências de vitimização por abuso sexual no namoro dos adolescentes.

Palavras-chave: adolescentes; escolares; violência sexual; violência por parceiro íntimo.

Sexual violence and dating: experience of victimization and impacts on adolescent relationships

ABSTRACT. This study aims to analyze the experiences of sexual abuse victimization in dating and its impact on school adolescents. Its about a qualitative study with five students from the high school who suffered sexual violence in their relationships. The data were interpreted based on the Bardin content analysis. The initial units were grouped into thematic axes, namely: victimization experience and perceptions about violence and impacts and strategies of coping and overcoming of the violence suffered. The data show from subtle experiences of violence to attempts to maintain forced sexual intercourse in dating relationships, often preceded by previous experiences in other relational spheres and overlapping of violence. The impacts produced differ according to the characteristics of the violence suffered, but feelings of fear, guilt, shame and social isolation were common, as well as suicidal behaviors. The main forms of coping included sharing experiences with mothers, changing attitudes toward relationships, and only one adolescent turned to protective organs, undergoing revictimization. The study allowed us to know the experiences of victimization by sexual abuse in adolescents dating.

Keywords: adolescents; school children; sexual violence; intimate partner violence.

Received on October 21, 2019.
Accepted on December 6, 2019.

Introduction

Na fase da adolescência começam a ser formadas as primeiras relações amorosas dos indivíduos, é um período considerado crítico pela importância que tem na construção da identidade e personalidade do adolescente (Guerreiro et al., 2015).

Estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS) apontam que, no mundo, 73 milhões de garotos e 150 milhões de meninas com idade inferior a 18 anos sofreram ao menos uma experiência sexual indesejada (Singh, Parsekar, & Nair, 2014).

A literatura indica que a maioria dos casos de abuso sexual contra crianças e adolescentes são cometidos por conhecidos da vítima, destacando-se os casos de violência sexual nas relações amorosas dos

adolescentes (Costa, Miranda, Rodrigues, & Mascarenhas, 2018). A violência nas relações de namoro de adolescentes se tornaram preocupações significativas de saúde pública, incluindo atividade sexual não consentida com ou sem penetração, assédio sexual e tentativas de obtenção de atividade sexual, com prevalências observadas, nos Estados Unidos, de 15,6% no sexo feminino e 5,4% no sexo masculino (Espelage, Davis, Basile, Rostad, & Leemis, 2018).

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar -PeNSE 2015 (IBGE, 2015), aproximadamente 4,0% dos adolescentes escolares brasileiros já foram vítimas de violência por relação sexual forçada, com maior prevalência observada no sexo feminino e tendo o(a) namorado(a)/ex-namorado(a) como principal autor da agressão (Costa et al., 2018).

O relatório de comportamento de risco juvenil do Center for Disease Control and Prevention (CDC, 2014) dos Estados Unidos, realizado com mais de 13 mil estudantes, constatou que aproximadamente 10% dos escolares já sofreram alguma experiência de violência sexual no namoro nos 12 meses anteriores a pesquisa, a exemplo de ser beijado, tocado ou forçado a ter relações sexuais, sendo observada uma prevalência mais de duas vezes maior de vitimização no sexo feminino (CDC, 2014; Levine, 2017).

Situações de violência sexual contra adolescentes são consideradas problemas sociais e ocorrem em todas as classes socioeconômicas, porém são observadas maiores prevalências no seio de famílias de classes socioeconômicas mais baixas (Mekuria, Nigussie, & Abera, 2015). São ainda graves problemas de saúde pública, visto que causam danos físico, psicológico e social (Lustosa et al., 2014; Souza & Barbosa, 2015) e que podem ter consequências no desempenho educacional (Haile, Kebeta, & Kassie, 2013; Mekuria, Nigussie, & Abera, 2015).

Diante da complexidade do problema, do número reduzido de estudos sobre o tema no Brasil e dos constantes noticiários sobre casos de violação sexual de crianças e adolescentes, surgiu o interesse em estudar de forma aprofundada a temática. Soma-se a isso a vivência do autor em espaços de reflexão e enfrentamento às situações de violência contra adolescentes e jovens no município de Caxias, estado do Maranhão. O estudo tem como objetivo analisar as experiências de vitimização por violência sexual, em namoros, e seus impactos em adolescentes escolares.

Métodos

Este estudo é um recorte da pesquisa de mestrado intitulada *Abuso sexual em adolescentes escolares: experiência de vitimização e seus impactos*, do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade da Universidade Federal do Piauí (PPGSC/CCS/UFPI). No projeto original foram avaliados 367 adolescentes escolares da rede pública de ensino médio de Caxias, estado do Maranhão. Desta amostra, 53 adolescentes foram vítimas de experiências de violência sexual nas relações de namoro; dentre estes, 5 se disponibilizaram a participar da pesquisa qualitativa.

Foram incluídos(as) adolescentes regularmente matriculados(as) no ensino médio, com idade máxima de 19 anos, conforme recomendação da OMS para adolescente; escolares de ambos os sexos, tendo assinado o termo de assentimento livre e esclarecido (TCLE) e autorizados pelos pais/responsáveis através do termo de consentimento.

Foram entrevistados(as) 5 escolares, sendo 1 menino e 4 meninas, que foram identificados(as) com nomes de flores, para preservar seu anonimato. A Tabela 1 expõe um resumo das características dos entrevistados.

A amostra foi intencional por cota, sendo o tamanho final definido por saturação. A seleção da amostra em abordagens qualitativas não advém do levantamento da distribuição de categorias, uma vez que, nas pesquisas qualitativas, a preocupação está na necessidade de que a amostra possua e reflita dimensões do contexto estudado (Fontanella, Rica, & Turato, 2008).

Diante disso, os(as) adolescentes foram escolhidos(as) de acordo com a seguinte cota: adolescentes que sofreram abuso sexual perpetrado pelo namorado(a)/‘ficante’/parceiro(a). A abordagem dos(as) escolares para manifestação de interesse em participar desta etapa do estudo foi realizada de forma individualizada.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e individualizadas com os(as) escolares, com uso de gravador de áudio, pedindo aos(as) adolescentes que descrevessem suas experiências vivenciadas na infância e adolescência, abordando o tema da violência sexual; como se dão seus relacionamentos afetivos antes e após a violência; quais as implicações sobre o convívio social; percepções e sentimentos diante de situações de violência. As entrevistas foram realizadas em escolas que contavam com profissional especializado(a) para atuar em casos de alterações psicológicas e emocionais dos(as) adolescentes.

Tabela 1. Características dos(as) escolares vítimas de violência sexual no namoro. Caxias, Maranhão, 2018.

Nome fictício	Idade (anos)	Sexo	Cor/raça	Com quem mora	Local da escola	Tipo de violência sexual	Autores de agressão
Margarida	17	Feminino	Preta	Mãe	Centro	-Tentativa relação sexual	-Namorado
Rosa	17	Feminino	Parda	Avó	Centro	-Tentativa relação sexual -Assédio sexual	-Namorado -Conhecido da família
Jasmim	16	Feminino	Parda	Mãe	Periferia	-Tentativa relação sexual -Assédio sexual	-Namorado -Ex-padrasto -Professor -Namorado
Primavera	16	Feminino	Parda	Pai e mãe	Periferia	-Assédio sexual	-Instrutor/ treinador -Desconhecido -Tio
Cravo	17	Masculino	Amarela	Pai e mãe	Periferia	-Assédio sexual	-Namorada -Colega/amigo -Professores -Conhecidos da família -Desconhecido

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011) cujos procedimentos envolvem três fases: 1) pré análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Silva & Fossá, 2015).

De acordo com Bardin (2011), o método de análise de conteúdo, inclui em seus objetivos ultrapassar incertezas e enriquecer a leitura pelo esclarecimento de características e elementos de significação anteriormente não compreendidos em profundidade.

Neste estudo, após a pré-análise, foram observadas as seguintes unidades de registro: assédio, tentativa de manter relação sexual, vitimização anterior, entendimento sobre violência, alterações psicológicas e comportamentais, culpabilização da vítima, síndrome do segredo, ideação suicida e busca por auxílio. As unidades iniciais foram agrupadas nos seguintes eixos temáticos: experiência de vitimização e percepções sobre violência e impactos e estratégias de enfrentamento e superação da violência sofrida. Os resultados são interpretados na seção de discussão deste estudo.

O projeto de pesquisa foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, Campus Teresina, e aprovado em 14/08/2017, sob parecer nº 2.216.562.

Resultados e discussão

Partilhar a experiência de vitimização é uma tarefa difícil, dentre outros fatores, por trazer à memória experiências potencialmente traumáticas. As mulheres parecem estar mais abertas a revelar os casos de violência sexual. Nesse estudo apenas um adolescente do sexo masculino aceitou participar das entrevistas, sendo que ele não classifica a experiência de ser tocado ou acariciado sexualmente sem consentimento como abuso sexual.

Nos relatos dos(as) adolescentes, observa-se que algumas experiências acontecem de forma rotineira e, na maioria das vezes, são entendidas como brincadeira.

O que houve comigo, ocorreu quando eu estava subindo o corredor da escola indo em direção a sala de aula, quando uma amiga meio que acabou dando um aperto em minha bunda. E isso meio que já virou frequência esse tipo de ocorrência (Cravo).

[...] nós tava (com o ex-namorado) acho que era comendo alguma coisa, foi na lanchonete ali, a gente tava comendo e ele pegou na minha bunda assim, eu olhei pra cara dele, todo mundo ficou olhando pra mim [...] depois, demorou outro dia, ele continuava fazendo essas coisas, [...] uma vez tentou fazer coisas que eu não queria (manter relação sexual), e é porque eu gostava dele, essas coisas de adolescente [...] o irmão dele chegou na hora, e eu saí correndo (Primavera).

De acordo com os relatos dos(as) adolescentes nas entrevistas, situações que podem ser caracterizadas como abuso sexual podem ser vistas como 'normais' e rotineiras no relacionamento de namoro, conforme observado no relato do Cravo. De maneira geral, os(as) autores(as) destacam que há uma dificuldade em mensurar a violência no namoro, especialmente violência psicológica, sexual e simbólica. Torna-se mais

fácil reconhecer a experiência de violência sofrida quando se produz lesões genitais e outros danos físicos (Balbinotti, 2009).

Uma vez que nessa fase se inicia a formação da identidade e personalidade, há grande risco de internalização de atitudes e comportamentos abusivos como experiências 'normais'. O estudo de Guerreiro et al. (2015) evidenciou que 37% das pessoas que vivenciaram situações que podem ser classificadas como violência no namoro não se reconheceram como vítimas de violência.

A experiência acima descrita, vivenciada por Primavera, apresenta características similares às vivenciadas por outra adolescente, também não concretizada pela chegada de um familiar do agressor no momento em que se tentava manter uma relação sexual sem consentimento.

Fomos na casa do tio dele colocar comida pro cachorro e ele tentou me segurar só que eu acabei correndo e saí da casa e a prima dele chegou e me trouxe pra casa e eu acabei terminando o relacionamento [...] (Jasmim).

As entrevistas mostraram que as experiências de violência sexual envolveram formas sutis, como carícias e o ato de apalpar nádegas e órgãos genitais sem consentimento, até mesmo utilizando argumentos, pressão e força física, no entanto, também foram observadas tentativas de manter relação sexual sem consentimento.

Os(As) adolescentes podem apresentar diferentes percepções sobre violência, inclusive não identificar eventos abusivos como experiências violentas. No trecho anteriormente descrito da fala do Cravo, sobre a experiência de ser apalpado sexualmente sem consentimento, percebe-se que o adolescente entende tal atitude como algo rotineiro e normal, o que pode ser constatado na fala a seguir, de quando foi questionado se ele entende que ser acariciado e/ou apalpado sexualmente sem consentimento é abuso sexual:

Em algumas situações sim, já outras acho que não. Exemplo: se uma certa vez, o ato for feito por alguém que eu não conheça ou que seja apenas um conhecido, eu acho que sim, é abuso. Mas se for algum amigo(a), eu acho que não seja considerado abuso, pelo fato de termos algumas brincadeiras que se relacionam a esse tipo de ato [...] bem, a diferença é que sendo um amigo(a), eu sei que não há uma segunda intenção, já com uma pessoa que eu não conheço, eu já não posso falar ou pensar o mesmo[...] (Cravo).

Quando questionado a partir de que atitude consideraria um abuso sexual, ele responde: "o apalpamento de forma mais direta, como pegar no pênis ou até mesmo em alguma outra parte íntima do corpo".

Destaca-se que todas as meninas entrevistadas relataram uma experiência anterior de violação sexual, sempre envolvendo uma pessoa conhecida.

[...] bom é, foi em um evento que teve com a família e as pessoas, eu era bem menor, acho que eu tinha 13 anos e ele (amigo da família) já era um adulto. É aquela questão de, é de dizer assim, ah eu vou te ajudar ou então eu vou fazer isso por você pra poder se apropriar da situação e eu não gostei (Rosa).

Todos(as) os(as) entrevistados(as) afirmaram ter sofrido uma experiência anterior de vitimização envolvendo um membro familiar ou conhecido da família, a maioria sendo episódios isolados, havendo apenas um caso de múltiplos agressores em episódios variados e de longa duração.

As experiências de vitimização por violência sexual no namoro estão frequentemente associadas a continuidade de experiências de violência sofridas ainda na infância em suas famílias, e adolescentes escolares do ensino médio que são vítimas desse tipo de violência apresentam mais probabilidade de novos eventos violentos na vida adulta (Beserra et al., 2016; Young, Furman, & Jones, 2012).

Um caso, em particular, chama atenção pela duração da vivência de violência e envolver uma vitimização por diferentes atores.

Eu não moro com meu pai desde meus 4 anos, minha mãe ela era casada com meu ex padrasto e até certo ponto ele foi um ótimo pai pra mim, ele sempre cuidou de mim, porque eu sempre fui uma menina bem problemática em questão de saúde, ele sempre cuidou de mim e tudo mais, só que quando atingi uns 9, 10 anos ele começou a falar coisa que não devia, ele começou a pegar onde não devia e isso durou acho que até meus 14 anos [...] junto com ele eu também tinha um professor de matemática, particular, que ele, eu tinha conhecido ele na igreja, ele era meu assessor de um grupo e ele era pai da minha melhor amiga e eu comecei ter aula particular de matemática com ele e aí ele começou a me mandar mensagem, ele começou a toda vez que eu ia pras aulas aí a mulher dele ia comprar comida, eu ficava sozinha em casa com ele, ele começava a passar a mão na minha perna, pegar nas minhas partes íntimas (Jasmim).

O caso específico da adolescente Jasmim envolveu sobreposição de violências e vitimização de longa duração. Observa-se que houve um comportamento inicial de aproximação, afeto, aquisição de confiança e

posterior vitimização por parte do padrasto, com discurso de responsabilização da vítima pela violência sofrida e estigma de culpabilização que conduz à síndrome do segredo.

De maneira geral, os(as) perpetradores(as) de violência sexual buscam estabelecer uma maior relação de confiança e afeto com as propensas vítimas. Após esse momento de preparação, são iniciados os episódios de violência em uma progressão ascendente, incluindo manifestações sutis, a exemplo de elogios, até o estabelecimento de relações mais sexualizadas, na medida em que se vence a resistência das vítimas (Hohendorff & Patias, 2017).

A vivência de abuso sexual na infância e adolescência impacta de diferentes maneiras as vítimas, produzindo alterações emocionais e comportamentais que incidem diretamente sobre o convívio social e os relacionamentos afetivos e amorosos. A sensação de medo e a ocorrência de pesadelos foram relatos comuns entre as entrevistadas.

Eu não saio de casa sozinha tem mais ou menos três anos, nem pra atravessar a rua sozinha, quando, assim quando começou, quando eu tinha 14 anos, tava no fundamental, meus amigos tinham que me buscar lá em casa, me deixar lá em casa, se não desse pra minha mãe ir me buscar ou me deixar na escola, e era tipo bem na rua detrás da minha casa, é... eu não saio de casa sozinha em hipótese alguma, se eu ver essas pessoas eu começo a ter ataque de pânico e depois acabo não lembrando e às vezes, eu não posso ficar sozinha, porque aí eu começo a pensar nisso e lembrar, e se eu começar a pensar nisso sozinha eu começo a escutar eles, a sentir, a ver, e trouxe uma série de problemas pra minha vida, de problemas psicológicos, tanto é que eu não consigo chegar perto, ou ver, ou sentir a voz, ou ver fotos deles (Jasmim).

A violência sexual contra adolescentes afeta o desenvolvimento humano em todos os aspectos, e a severidade dos impactos depende de fatores como o grau de envolvimento entre vítima e agressor(a), a idade da vítima, a duração da violência, a sobreposição de violências, assim como aspectos culturais, sociais e subjetivos (Florentino, 2015).

Apesar de serem assimiladas de maneiras diferentes, as experiências de vitimização sexual de adolescentes produzem graves problemas. São esperados impactos físicos, psicológicos e alterações comportamentais e emocionais, como depressão e ideação suicida, tentativa de suicídio, isolamento social e afetivo, transtornos de personalidade, sentimentos de medo e culpa, ansiedade, labilidade emocional prejudicada, comportamento social inadequado para a idade, comprometimento do desempenho escolar (Kaufman, 2008; Basile & Smith, 2011; Mekuria, Nigussie, & Abera, 2015; Organização Mundial da Saúde [OMS], 2012).

Duas entrevistas chamaram atenção pela culpabilização da vítima, nas situações em que a vítima se sente culpada ou responsável pela violência exercida pelo outro. Nos dois relatos os(as) agressores(as) transmitem a ideia de que a forma como as garotas se vestiam provocavam as situações de abuso, um relato comum nos estudos sobre violência sexual contra mulheres.

Eu pensei que aquele comportamento dele (ex-namorado) era culpa minha, não dele [...] eu sempre pensei que quem levava àquilo era eu [...] ele falava que não queria fazer aquilo, pediu desculpa, mas sempre terminava na mesma coisa. [...] eu vestia roupa curta, não visto mais, eu vestia antes, e eu pensei que o que levava ele a fazer aquilo comigo era minhas roupas (Margarida).

E aí eu contei pra minha mãe, que, o que ele (padrasto) andava fazendo há 4 anos e aí eu acabei pedindo pra ela não se separar dele porque eu me sentia muito culpada e achava que a culpa era minha, porque ele sempre falava que, se eu não mudasse o jeito de me comportar, as roupas que eu usava ia acontecesse realmente esse tipo de coisa, então tipo, foi colocado na minha cabeça que a culpa realmente era minha, até eu crescer mais um pouco e entender que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, ele que tinha feito porque afinal quando começou eu era uma criança (Jasmim).

O processo de estigmatização das vítimas responsabiliza-as pela violência sofrida com discursos, por exemplo, de que meninas provocam ao usarem roupas curtas (Hohendorff & Patias, 2017). Ressalta-se a importância desse processo de estigmatização na observância das menores prevalências entre meninos, envolvendo, por exemplo, questões relacionadas ao mito da masculinidade e questionamentos sobre a orientação sexual das vítimas (Kaufman, 2008). De qualquer forma, o descrédito, a culpabilização e estigmatização das vítimas têm como consequências sentimentos de culpa e conduzem ao isolamento social.

O estudo do Banco Interamericano do Desenvolvimento (BID) no Brasil com casais de namorados(as) adolescentes e jovens, de 14 a 24 anos de idade, observou que normas e dinâmicas de gênero estimulam a

violência no namoro, a exemplo de as meninas usarem roupas socialmente consideradas provocantes. A respeito disso considera-se que o papel masculino é 'fazer com que elas se comportem', sob pena de serem considerados fracos se não o fizerem. O estudo evidenciou que as meninas são envolvidas em atos sexuais não desejados e permanecem em relacionamentos abusivos por medo e que os meninos devem insistir na relação sexual para provar virilidade (Banco Interamericano do Desenvolvimento [BID], 2017).

Gonçalves (2013) ao estudar fatores, crenças e atitudes de legitimação da violência sexual no namoro de adolescentes e jovens portugueses(as), aponta alguns mitos e estereótipos usados, como o de que muitas mulheres provocam a situação e por isso querem ser violadas. As mulheres violadas são aquelas com reputação negativa socialmente e ao serem violadas sexualmente por alguém conhecido, a exemplo do(a) namorado(a), gera impacto psicológico menor. Há ainda o mito da masculinidade segundo o qual os homens não são violados sexualmente; e, se forem, sentem-se pressionados a não revelar para não terem a masculinidade questionada, ou mesmo a sexualidade, quando se tratar de vitimização por agressor do mesmo sexo.

Segundo Costa e Miranda (2019), a atitude de transferir a culpa para a vítima contribui para a chamada Síndrome do Segredo nos casos de abuso sexual, assim como a dependência econômica da vítima em relação ao agressor e o fato de não querer 'prejudicar' outra pessoa, além da sensação de que existe uma 'dívida' com quem sempre foi provedor(a) de suas necessidades, conforme observado no trecho que segue:

[...] no do meu padrasto eu preferi deixar isso abafado porque, eu não sei, eu achava que por mais que ele tivesse feito aquilo, eu deveria alguma, eu devia alguma coisa pra ele por tudo que ele já tinha me feito antes de bom (Jasmim).

Ainda na perspectiva dos impactos sofridos com a vitimização por abuso sexual, foi muito frequente nas entrevistas o relato de ideação suicida, na maioria dos casos, acompanhado de tentativas de suicídio. Em uma única entrevista, a adolescente atribuiu os pensamentos suicidas a problemas familiares e pessoais que não se relacionavam com a experiência de abuso sexual sofrida.

Eu não sabia como lidar com isso, porque acho que tudo aconteceu eu era muito nova [...] 12 anos foi a primeira vez que eu tentei me matar porque eu não sabia como lidar com esses problemas do meu padrasto, e aí ninguém sabia porque eu tinha medo de falar, medo de ninguém acreditar em mim e essa foi a primeira vez, depois dessa veio mais três vezes que não deu certo (Jasmim).

Por ser uma experiência potencialmente traumática, a maioria dos(as) adolescentes não sabem como lidar com sentimentos de medo e vergonha, além de se sentirem desamparados(as) e desprotegidos(as). Por essas e outras razões tendem a surgir pensamentos suicidas e até mesmo tentativas de suicídio na intenção de pôr fim ao sofrimento e ao ciclo de violência.

Além disso, sentimentos de medo, culpa, pesadelos e insegurança incidem diretamente sobre as relações sociais e novos relacionamentos amorosos e de amizade que venham a ser estabelecidos.

Eu não consigo ficar em multidão, muita gente porque eu começo a..., porque eu não sei o que pode acontecer, aí eu prefiro não ir, tanto é que eu evito ir a festas e a lugar com muita gente porque fico agoniada, parece que eu vou morrer, que alguém vai querer me matar, não sei, fico sem ar [...] e depois disso ter acontecido eu tentei me relacionar com mais uma pessoa, só que eu acabei que não consegui porque eu tinha medo da pessoa, por mais que ela não tenha feito nada pra mim, mas eu tinha medo dela, também porque eu descobri que não me sinto atraída fisicamente pela figura masculina (Jasmim).

Diante da experiência de vitimização, as entrevistadas buscaram diferentes maneiras de ajuda e enfrentamento, em sua maioria buscaram amparo em suas mães e suporte psicológico, inclusive a adolescente Jasmim, necessitou fazer uso de uso de medicamentos para problemas emocionais e psicológicos.

[...] a psicóloga da escola, eu conversei com ela, e ela, ela foi, aí nisso que eu conversei com ela, eu contei sobre tanto o do cara do meu professor quanto do meu padrasto, aí ela me ajudou a entender mais que a culpa não era minha, que eu não tinha feito nada de errado, que seu eu não consenti, ninguém pode pegar no meu corpo (Jasmim).

Nesse estudo, constatam-se que sentimentos de medo e vergonha podem ter postergado, mas não impedido a revelação do abuso sexual sofrido. Nesse contexto, as adolescentes recorreram em maioria às suas mães e, posteriormente, a apoio psicológico; apenas uma entrevistada buscou auxílio nos órgãos de proteção, no entanto, ela não encontrou acolhimento e veio a sofrer um processo de revitimização ou vitimização secundária, conforme será citado a seguir.

A reação materna é apontada como um dos principais fatores de mediação dos possíveis impactos da violência sexual em crianças e adolescentes, e pode ser de apoio e proteção ou ainda de culpabilização da vítima, o que potencializa os danos (Borges & Zingler, 2013). De acordo com Silva e Teixeira (2018), no início da vida, a mãe ou quem ocupa esta função atua como uma espécie de escudo protetor entre a criança e os estímulos externos do mundo, filtrando aquilo que será experienciado e com que intensidade.

Oliveira et al. (2014) destacam que fatores como cumplicidade familiar, omissão e o fato de não haver testemunhas na maioria dos casos são importantes agravantes e dificultam o rompimento da barreira do segredo. Os autores destacam o papel da mãe, em seu estudo, assim como nesse, que foi apontada como a fonte mais importante de apoio e encorajamento à denúncia, porém alguns fatores podem contribuir para a omissão materna, como, por exemplo, a tentativa de manutenção do laço familiar ou a ideia de que denunciar o companheiro poderia representar o fracasso da mãe enquanto esposa, assim como figura protetora dos(as) filhos(as).

Apenas uma adolescente buscou auxílio dos órgãos de proteção, sendo que ela sofreu um processo de vitimização secundária.

No começo ele (delegado) disse que (pausa chorosa), ele disse que podia ser uma coisa, como é que se diz, que eu podia ter levado a isso. Aí ele perguntou como aconteceu, aí eu falei, aí ele disse que ia botar lá a denúncia só que provavelmente não ia acontecer nada com ele, e também ele disse pra minha mãe que isso devia ser coisa de adolescente. Então eu nem corri mais atrás disso (Margarida).

Observa-se que espaços que deveriam favorecer a revelação das experiências de violência tornam-se ambientes de revitimização e responsabilização da vítima pela violência sofrida. Na tentativa de exemplificar tal fato, Viana e Sousa (2015) tomam como referência as delegacias especializadas em atendimento à mulher, onde muitas vezes o atendimento é realizado por homens que partilham do discurso de supremacia masculina ou mesmo agentes femininas que legitimam esse discurso ao adotarem comportamento análogo ao dos homens.

No tocante às estratégias de enfrentamento, a forma como o evento estressor será superado depende da interação de fatores de risco e proteção e da avaliação subjetiva que a vítima faz da experiência vivenciada (Borges & Zingler, 2013). As autoras destacam, ainda, a necessidade de uma postura de acolhimento afetiva e efetiva nos órgãos de proteção, visando o rompimento da barreira do silêncio e para evitar processos de revitimização.

Nas últimas décadas ocorreram mudanças significativas na forma como os casos de violência sexual têm sido tratado em todo o mundo, com avanços, introdução de medidas práticas e protocolos de acolhimento e acompanhamento das vítimas e uma ampliação dos serviços de apoio. Entretanto, algumas fragilidades são observadas, como a fragmentação da rede no Brasil e a subnotificação dos casos (Gunby, Carline, Bellis, & Beynon, 2012).

Algumas adolescentes relataram não denunciar por descrédito nos órgãos de proteção ou ainda por sentimentos de culpa e preservação de relacionamentos (coesão familiar). Outras estratégias de enfrentamento por parte das vítimas incluíram mais cumplicidade no relacionamento, conversar mais e não ceder às vontades do(a) outro(a) e mudanças comportamentais, como não confiar totalmente no parceiro.

Outra estratégia de enfrentamento adotada pelas adolescentes, e destacada por Margarida, se dá na perspectiva de prevenção de situações de violência sexual nos relacionamentos atuais, conforme relato da mesma.

No meu relacionamento agora eu busco conversar muito com meu parceiro, falar pra ele, eu disse pra ele sabe, e buscar ter o máximo pra não acontecer o que aconteceu com o outro (Margarida).

Uma entrevistada destacou que a experiência lhe provocou mudanças.

Assim, sempre acontece que a gente também tenta ser a melhor pessoa praquela pessoa ali e a ele sempre acaba pisando e aí de acordo com o decorrer do tempo, das coisas que vai acontecendo a gente muda e aí passa a não acontecer exatamente porque a gente muda, aí a pessoa que tá com a gente atualmente, ele passa a ver de uma outra forma [...] a gente não passa a ser tão besta né (risos), porque quando a gente é besta demais não tão nem aí (Rosa).

Ao ser questionada sobre o que quer dizer com 'ser besta demais', ela respondeu:

É, tentar agradar demais. [...] é, e também pra evitar qualquer transtorno, briga, entendeu? É a questão como você falou que se acontecer algum ato que não tava sobre, assim, não que ele fez contra, assim a força, mas não era do meu desejo no momento, entendeu, mas a gente acaba fazendo pra satisfazer.

A maioria dos estudos sobre vitimização por abuso sexual permanecem no nível descritivo. Nesse estudo, os dados partem da subjetividade dos sujeitos envolvidos, inclusive mostrando a influência de fatores familiares, individuais e explicativos, amplamente descritos na dinâmica da violência sexual, sobre a forma como as experiências são assimiladas e enfrentadas.

De maneira geral, ficam evidenciadas diferentes experiências de vitimização por abuso sexual nos relacionamentos afetivos e amorosos dos adolescentes escolares, porém frequentemente precedidas de uma experiência anterior envolvendo pessoas pertencentes a alguma esfera relacional das vítimas. Há diferentes percepções e entendimentos sobre o que vem a ser violência sexual, assim como as experiências impactam de formas diversas e despertam estratégias variadas de enfrentamento.

Conclusão

O estudo permitiu conhecer como se dão as experiências de vitimização por abuso sexual no namoro de adolescentes, frequentemente antecedidas de experiências de violência em uma outra esfera relacional, inclusive familiar, apontando os impactos e elementos que conduzem ao que a literatura chama de Síndrome do Segredo, tais como ameaças, dificuldades em perceber as experiências sofridas enquanto eventos violentos, culpabilização da vítima e sentimentos de medo, vergonha, insegurança e descrédito nas instituições. Os impactos da experiência sofrida são variados e dependem da interação de diversos fatores, a exemplo da relação estabelecida entre agressor(a) e vítima, duração e frequência dos eventos violentos e sobreposição de violências, mas que repercutem sobre a saúde física, mental, social e emocional dos(as) adolescentes. Esse estudo possibilita a discussão e estabelecimento de iniciativas para o efetivo enfrentamento deste fenômeno complexo e multifacetado.

Referências

- Balbinotti, C. (2009). A violência sexual infantil intrafamiliar: a revitimização da criança e do adolescente vítimas de abuso. *Direito & Justiça*, 35(1), 5-21.
- Banco Interamericano do Desenvolvimento [BID]. (2017). *Violência em relacionamentos de namoro entre adolescentes: no Brasil e em Honduras*. Brasil: BID. Recuperado de <https://publications.iadb.org/publications/portuguese/document/Violencia-em-relacionamentos-de-namoro-entre-adolescentes-no-Brasil-e-em-Honduras-Resumo-executivo.pdf>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo, SP: Edições 70.
- Basile, K. C., & Smith, S. G. (2011). Sexual violence victimization of women: prevalence, characteristics, and the role of public health and prevention. *American Journal of Lifestyle Medicine*, 5(5), 407-417. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.902.5740&rep=rep1&type=pdf>
- Beserra, M. A., Leitão, M. N. D. C., Fabião, J. A. D. S. A., Dixe, M. D. A. C. R., Veríssimo, C. M. F., & Ferriani, M. D. G. C. (2016). Prevalence and characteristics of dating violence among school-aged adolescents in Portugal. *Escola Anna Nery*, 20(1), 183-191. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n1/1414-8145-ean-20-01-0183.pdf>
- Borges, J. L., & Zingler, V. T. (2013). Fatores de risco e de proteção em adolescentes vítimas de abuso sexual. *Psicologia em Estudo*, 18(3), 453-463. Doi: 10.1590/S1413-73722013000300007
- Center for Disease Control [CDC]. (2014). Youth risk behavior surveillance - United States, 2013. *Morbidity and Mortality Weekly Report: Surveillance Summaries*, 63(4), 1-168. Recuperado de <https://www.cdc.gov/mmwr/pdf/ss/ss6304.pdf>
- Costa, F. B. S., & Miranda, C. E. S. (2019). Violência sexual e síndrome do segredo em crianças e adolescentes. In C. E. S. Miranda, *Panorama dos estudos brasileiros sobre a violência* (p. 251-261). Rio de Janeiro, RJ: Wak Editora.
- Costa, F. B. S., Miranda, C. E. S., Rodrigues, M. T. P., & Mascarenhas, M. D. M. (2018). Violência sexual entre adolescentes escolares brasileiros. *Adolescência e Saúde*, 15(2), 72-80. Recuperado de http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=722
- Espelage, D. L., Davis, J. P., Basile, K. C., Rostad, W. L., & Leemis, R. W. (2018). Alcohol, prescription drug misuse, sexual violence, and dating violence among high school youth. *Journal of Adolescent Health*, 63(5), 601-607. Doi: 10.1016/j.jadohealth.2018.05.024

- Florentino, B. R. B. (2015) As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(2), 139-144. Doi: 10.1590/1984-0292/805.
- Fontanella, B. J. B., Rica, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(1), 17-27. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n1/02.pdf>
- Gonçalves, M. A. S. (2013). *Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos* (Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação). Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Portugal.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Cescontexto: Atas do colóquio internacional “@s jovens e o crime: transgressões e justiça tutelar”*, 10, 14-26.
- Gunby, C., Carline, A., Bellis, M. A., & Beynon, C. (2012). Gender differences in alcohol-related non-consensual sex; cross-sectional analysis of a student population. *BMC public health*, 12(1), 216. Recuperado de <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/1471-2458-12-216>
- Haile, R. T., Kebeta, N. D., & Kassie, G. M. (2013). Prevalence of sexual abuse of male high school students in Addis Ababa, Ethiopia. *BMC international health and human rights*, 13(1), 24. Doi: 10.1186/1472-698X-13-24.
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, 49(1), 239-257. ID: biblio-907461
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE]. (2015). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar - PeNSE, 2015. Recuperado em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=o-que-e>
- Kaufman, M. (2008). Care of the adolescent sexual assault victim. *Pediatrics*, 122(2), 462-470. Doi: 10.1542/peds.2008-1581
- Levine, E. (2017). Sexual violence among middle school students: the effects of gender and dating experience. *Journal of Interpersonal Violence*, 32(14), 2059-2082. Doi: 10.1177/0886260515590789
- Lustosa, A. P., Souza Pereira, A., Moreira, D. P., Silva, A. P. S., Andrade Marques, L., & Souza Vieira, L. J. E. (2014). Abuso sexual contra crianças. *Cadernos ESP*, 8(2), 50-63. Recuperado de <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/141>
- Mekuria, A., Nigussie, A., & Abera, M. (2015). Childhood sexual abuse experiences and its associated factors among adolescent female high school students in Arbaminch town, Gammo Goffa zone, Southern Ethiopia: a mixed method study. *BMC International Health and Human Rights*, 15(1), 21. Doi: 10.1186/s12914-015-0059-6
- Oliveira, J. R. D., Costa, M. C. O., Amaral, M. T. R., Santos, C. A., Assis, S. G. D., & Nascimento, O. C. D. (2014). Violência sexual e coocorrências em crianças e adolescentes: estudo das incidências ao longo de uma década. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19, 759-771. Recuperado de <https://www.scielo.org/article/csc/2014.v19n3/759-771/pt/>
- Organização Mundial da Saúde [OMS]. (2012). Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: ação e produção de evidência. São Paulo, SP: OMS.
- Silva, A. H., & Fossá, M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s Revista Eletrônica*, 16(1), 23-42. Recuperado de <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/view/2113/1403>
- Silva, R. A., & Teixeira, L. C. (2018). Adolescência e o traumático: sobre abuso sexual e as vicissitudes do sujeito. *Revista Subjetividades*, 17(3), 92-103. Doi: 10.5020/23590777.rs.v17i3.6955
- Singh, M. M., Parsekar, S. S., & Nair, S. N. (2014). An epidemiological overview of child sexual abuse. *Journal of family medicine and primary care*, 3(4), 430-435. Doi: 10.4103/2249-4863.148139
- Souza, T. M., & Barbosa, R. B. (2015). Abuso sexual intrafamiliar em meninos. *Psicologia em Foco*, 5(1), 1-12.
- Viana, A. J. B., & Sousa, E. S. S. (2015). Crimes e segredos na violência sexual contra as mulheres: o diálogo entre Durkheim e Simmel. *Política & Sociedade*, 14(29), 11-29. Doi: 10.5007/2175-7984.2015v14n29p11
- Young, B. J., Furman, W., & Jones, M. C. (2012). Changes in adolescents' risk factors following peer sexual coercion: evidence for a feedback loop. *Development and Psychopathology*, 24(2), 559-571. Doi: 10.1017/S0954579412000168